



# COMO A REPRESENTATIVIDADE VINCULADA À MÍDIA INTERFERE NA SUBJETIVIDADE DAS PESSOAS NEGRAS DO BRASIL

**Palavras-chave: REPRESENTATIVIDADE; MÍDIAS; RACISMO**

**Autores/as:**

**LUIZA RAMOS SILVA FREIRE, FE-UNICAMP  
Prof<sup>(a)</sup>. Dr<sup>(a)</sup>. ÂNGELA FÁTIMA SOLIGO, FE-UNICAMP**

## **INTRODUÇÃO:**

A escravidão no Brasil teve o seu “fim” oficial com a promulgação da Lei Áurea em 13 de maio de 1888, pela princesa Isabel, mas sabe-se que esse término foi apenas um fingimento diante da grande marginalização que as pessoas negras tiveram que lidar após a liberdade. Por conta da ausência de políticas públicas suficientes e adequadas que abarquem as áreas do trabalho, cultura, saúde mental e inclusão, o sistema escravocrata é perpetuado e deixou aos negros uma posição de submissão, marcada pelo desemprego, violência, condições de moradia ruins e fome nas suas mais diversas formas. (Correa, Junior & Carvalho, 2022)

No entanto, apesar das evidentes desigualdades e discriminações que são operadas em nosso país, o racismo brasileiro reveste-se de um formato camuflado, marcado pela ideologia da democracia racial, que afeta a subjetividade das pessoas negras, enfraquecendo suas identidades em um contexto dolorosamente constituído pelo racismo estrutural. (Soligo, 2014)

Na colonização, marcada pelo sequestro de povos africanos, trazidos ao Brasil na condição de escravizados, submetidos a processos perversos de desumanização e exploração extrema, os africanos perderam a sua individualidade e todos passam a ser considerados seres sem cultura, apenas negros-peças. (Malafaia, 2018)

No século XIX, consolidam-se as políticas de branqueamento, disseminando a crença na superioridade da raça branca, especialmente nos aspectos intelectual e atitudinal. Uma das vertentes do pensamento eugenista previa que, com a miscigenação, seria efetivada a superioridade da raça branca sobre a negra, que resultaria na extinção gradual dos negros em nosso território e, assim, o Brasil abriu um enorme espaço para a miscigenação. (Correa, Junior & Carvalho, 2022)

## **METODOLOGIA:**

Trata-se de pesquisa qualitativa, desenvolvida em dois momentos:



- Identificação, a partir de levantamento bibliográfico, dos componentes do racismo presentes em conteúdos veiculados nas mídias televisivas e abertas, constantes em estudos sobre a temática;

- Estudos de caso envolvendo a história de duas mulheres negras influentes e com destaque no país, sendo elas a filósofa Djamila Ribeiro e a escritora Conceição Evaristo, por meio da análise de entrevistas orais ou não, biografias, textos pessoais presentes em livros ou relatos das autoras, visando identificar elementos que constituem referências para uma identificação positiva;

- A estratégia de análise adotada foi a análise temática, na forma de construção de núcleos de significados que abarquem distintos elementos expressos no material coletado. A partir da leitura de depoimentos escritos, orais ou entrevistas de Conceição Evaristo e de Djamila Ribeiro, construímos núcleos temáticos, que passamos a analisar.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO:

### *CONCEIÇÃO EVARISTO*

A escritora mineira Conceição Evaristo, nascida em 1946, é uma das vozes mais importantes da literatura brasileira contemporânea. Ela constrói o termo *escre(vivência)*, o qual remete às experiências presentes ao longo de sua vida como uma mulher negra, pobre e favelada. A *escrevivência* de Evaristo permeia todas as suas obras, entendendo a escrita como “desejo pretencioso de recuperar o vivido” (Evaristo, 2009). Ao longo de sua trajetória, Evaristo destaca a importância do movimento negro e do contato com a escrita negra como impulso para a consolidação de sua produção literária, apesar de ter sido um caminho tortuoso. Relata que o prêmio Jabuti por seu livro “Olhos d’Água” sanou algumas perguntas da academia sobre o que ela representava, as dúvidas como “Quem era aquela mulher?”, “Por que uma mulher negra pobre está aqui?” e “O que ela escreve?” que se faziam presentes em eventos literários foram respondidas. A academia sempre destacou sujeitos brancos, sejam homens ou mulheres, e Evaristo contesta isso, dizendo que eles têm “licença para falar de tudo, ele vai falar de gato, ele vai falar de sapato, ele vai falar de sexo, ele vai falar de amor e ele vai falar de religião, de tudo. Ele pode dizer tudo, todos assuntos são pertinentes a ele”. (Evaristo, 2021)

Ela adiciona,

“A gente gosta muito de falar que o Brasil é um país multicultural, um país mestiço, mas quando se trata em determinadas situações, ele deixa de ser esse país mestiço, ele deixa de ser um país multicultural para uma cultura que se pretende hegemônica, ditar todas as regras do jogo, todos os modelos de fazer ou não fazer, inclusive a arte.” (Evaristo, 2021, n.p)

Diante disso, a autora critica a academia, alegando que se não houver a valorização de autores e escritas de grupos sociais historicamente marginalizados, contando as próprias histórias a partir de suas trajetórias, ela se tornará “empoeirada”.

“Então a Academia vai ter que acompanhar, ou então ela vai ficar cada vez mais empoeirada, cada vez mais mofada, cada vez mais representante de determinadas categorias sociais e de determinados gêneros. Porque você olha a Academia e a maioria são escritores homens e brancos. Nós temos poucas mulheres. Acho que tem que haver também, com o tempo, essa equidade de gênero. Também uma equidade de condição étnica, de experiência de condição social, ou então vai continuar sendo enfeite, o que é uma pena, porque temos acadêmicos e acadêmicas que são sujeitos pensantes mesmo, que são capazes de pensar essa realidade

brasileira. São capazes de pensar o Brasil e no entanto não é o que se vê. Eu acho que a gente sempre fala no Brasil plural. E hoje nós temos muito mais pluralidade de pensamentos. Então tem que ter uma pluralidade de ação, de representatividade, que a academia infelizmente ainda não tem.” (Evaristo, 2021, n.p)

Considerando a magnitude e impacto que as tecnologias detêm hoje, Conceição Evaristo (2021) comenta sobre a internet ser um lugar de divulgação que a colocou em evidência. Apesar das desigualdades de acesso à internet, acredita que as mídias se tornaram um espaço muito proveitoso para a divulgação de seus escritos, criando um espaço de leitura. Quando a juventude negra entra em contato com a literatura propagada nos dispositivos midiáticos, é possível que se depare com narrativas que interfiram positivamente na formação de suas subjetividades, especialmente obras elaboradas por autores negros.

O silenciamento e apagamento das pessoas negras refere-se ao mito da democracia racial, que atrelado a um projeto político, inibe o espaço da episteme negra. Conceição acrescenta como o impacto da produção de arte está intrínseco a este contexto, porque o cinema, o teatro e a música sempre existiram por haver insatisfação no mundo, e sem ela, não haveria o caminho para lutar. Conceição (2021) diz sobre a importância de a arte ter o espaço na academia para que haja a pluralidade das histórias contadas, especialmente as dos povos marginalizados, a exemplo, Ailton Krenak, que é membro da Academia Brasileira de Letras.

A escrita de Conceição Evaristo é a sua história, porém sua escre(vivência) não representa apenas a sua vida, mas sim, a de muitas mulheres negras que não puderam contar suas trajetórias porque foram silenciadas e apagadas devido às marcas da discriminação e desigualdade que fundamentam a sociedade brasileira. Um episódio marcante ilustra essa r(exist)ência: estudantes quiseram trabalhar com Olhos d'Água e foram desencorajadas por um professor que alegou não conhecer a obra e disse que não era literatura. Dias depois, este livro recebeu o Prêmio Jabiti, evidenciando o conservadorismo e preconceito ainda presentes nas instituições. Conforme a escritora, “a academia tem que estar aberta para o novo. [...] Tem alguns centros que estão mais abertos. Só que ainda tem o conservadorismo que quer pautar o cânone. Quem cria o cânone? (Evaristo, 2018 *apud* Canofre, 2018, n.p)

## **DJAMILA RIBEIRO**

Djamila Taís Ribeiro dos Santos, filósofa, escritora e ativista brasileira nascida em 1980, é uma das personalidades mais influentes do pensamento antirracista contemporâneo. Autora de obras como “Pequeno Manual Antirracista” (2019) e “Quem tem medo do feminismo negro” (2020), Djamila discute privilégio branco, feminismo negro e lugar de fala. Sua trajetória revela como o “ser negra” constitui-se, desde a infância, como marca de exclusão: “Não me descobri negra, fui acusada de sê-la” (Ribeiro, 2019, p.24)

A filósofa acrescenta que a coletividade na luta contra o racismo é um importante fator de enfrentamento da discriminação. E adiciona que todos os negros são afetados no Brasil, porém quanto mais escuro a pessoa preta é, mais preconceito ela vai sofrer e o tratamento vai ser diferente, visto que o colorismo é um fator muito importante porque quanto mais claro o tom de pele, mais tolerado ele é, e a política do embranquecimento teve seu papel neste aspecto. A ativista relata ainda que há uma lacuna na identificação da ancestralidade dos povos negros, não abrindo possibilidade para que a história seja contada, ocasionando um apagamento e silenciamento da identidade negra. Pela presença do mito da democracia racial, criou-se uma visão de que o racismo não existia e como a própria Djamila diz: “É importante ter em mente que para pensar soluções para uma realidade, devemos tirá-la da invisibilidade.” (Ribeiro, 2019, p 30)

No Brasil, a gente às vezes é privado da nossa própria história de resistência. O que nos contam é que os negros foram escravizados e ponto, não falam que existiram resistências. [...] A própria questão de hoje ter aumentando o número de pessoas que se declaram negras no Brasil é luta dos movimentos negros. [...] Essas construções todas — e não foram a toa, são deliberadas —, essa ideia de que no Brasil somos todos mestiços, de que não tem como saber quem é negro, mas na hora de discriminar todo mundo sabe quem é, dificultou uma construção de identidade negra e os movimentos negros vêm denunciando isso, e isso também é

A ilustre autora demonstra que apesar da miscigenação e o fato do Brasil ter uma grande variedade de povos serem motivos de orgulho, a discriminação com o povo negro nunca parou de existir por conta dessa mistura. Vangloria-se da cultura brasileira ser repleta de origens e influências diversas, mas esse olhar para o impacto dos afro-brasileiros trazidos e escravizados no Brasil não é ampliado.

O primeiro passo é desnaturalizar esse olhar e conhecer a nossa história enquanto povo brasileiro. Para discutir diversidade, a gente precisa discutir desigualdade. Quando a gente conhece a origem social das desigualdades, a gente vai entender as reivindicações históricas dos movimentos negros e as pessoas brancas vão entender a importância de discutir a partir do seu lugar social e como ele foi construído historicamente. (Ribeiro, 2020)

Djamila Ribeiro conta que começou a ter destaque nas redes sociais, mesmo sendo militante há muito tempo, mas relembra que a internet também contém ataques e que é preciso ignorar isso, visto que as redes sociais são uma estratégia de comunicar as pautas negras para o maior número de pessoas possível. É necessário ter em mente que a população negra conseguiu seu espaço para se comunicar e externalizar as questões raciais, atraindo reflexões e diálogos.

Djamila Ribeiro (2020) argumenta que a população negra é constantemente tratada como um grupo homogêneo, sendo responsabilizada coletivamente por ações individuais, ao contrário do que ocorre com pessoas brancas. Essa percepção ignora a diversidade de subjetividades negras. A autora defende que a branquitude, constantemente presente nos espaços de poder cultural, acadêmico e midiático, precisa reconhecer sua responsabilidade histórica na construção do racismo e se comprometer com a transformação social. Afinal, o racismo foi criado por brancos, e enquanto entre os negros o debate racial já está consolidado, cabe aos brancos compreenderem seus privilégios para que mudanças efetivas aconteçam.

A sociedade brasileira é estruturalmente racista e sobretudo as instituições. Além disso, é preciso cobrar essa postura das instituições e adicionalmente o olhar dos pais para o que está nas redes sociais que as crianças têm acesso. Os espaços que têm no universo midiático são repletos de conteúdos publicados desenfreadamente, então a subjetividade das pessoas negras por meio da representação é afetada a depender das plataformas digitais e o que está nelas.

Um dos estudos de Djamila é sobre o feminismo negro, mostrando que na sociedade é entendido que o lugar social da mulher negra é de subalternidade. Conforme Sueli Carneiro, a luta das mulheres não se dá somente da capacidade de vencer as desigualdades deixadas pela hegemonia masculina, precisa-se superar ideologias que corroboram para este sistema de opressão, como o racismo, que assenta a inferioridade da população negra e particularmente das mulheres negras.

Djamila Ribeiro criou o instituto “Espaço Feminismos Plurais”, promovendo a realização de diversas atividades para mulheres negras que se encontram em situação de vulnerabilidade, declarando que acredita no coletivo e que espaços como esse contribuem para que haja humanização das mulheres negras. A filósofa impacta positivamente na imagem das mulheres negras e usa o espaço de poder que ocupa para transformar a realidade das pessoas negras e suas subjetividades.

## CONCLUSÕES

Conforme os dois estudos de caso analisados, é possível concluir que tanto Djamila Ribeiro quanto Conceição Evaristo enfrentaram e ainda encaram os desafios de serem duas mulheres negras que obtiveram destaque e reconhecimento pelas suas obras e contribuições, não somente para o povo negro, mas também na construção de uma representatividade negra. Ambas as autoras abordaram em suas trajetórias como a r(exist)ência é essencial para o enfrentamento do racismo, possuindo em seus escritos maneiras de mobilizar a sociedade acerca dos dilemas sofridos pela população negra.

Dessa forma, quando Djamila Ribeiro e Conceição atingem espaços privilegiados, difundindo para o mundo por meio de seus livros e das mídias suas narrativas contemplando suas vivências como mulheres negras na sociedade, elas se tornam referências positivas para a juventude afro-descendente, e

notadamente para as mulheres negras, visto que a existência delas viabiliza o aumento do empoderamento e autoestima de meninas negras. Ademais, Djamila Ribeiro inaugurou o instituto “Espaço Feminismos Plurais”, que proporciona um ambiente acolhedor para mulheres negras que estão em situação de vulnerabilidade, demonstrando o impacto que isso representa para a transformação da realidade dessas mulheres.

Logo, as pensadoras negras percebem o papel das mídias na luta racial porque as questões raciais começaram a ter mais espaço, potencializando a existência de perspectivas negras recebendo mais destaque e conseqüentemente percorrendo a subjetividade das pessoas negras por meio da representatividade, a qual auxilia no combate à exclusão e às desigualdades. Assim, Djamila Ribeiro e Conceição Evaristo são personalidades de extrema importância na construção de uma referência positiva para o povo negro.

---

## BIBLIOGRAFIA

CORREA, Adriana; JUNIOR, Paulo; Carvalho, Érika. Quando a representatividade importa: reflexões sobre racismo, valorização identitária negra e Educação Básica. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v.17, e19407, p. 1-17, 2022. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/19407/209209217327>. Acesso em 18. abr. 2024

SOLIGO, Ângela. O racismo camuflado no Brasil e seus guetos simbólicos. In GALLO, Sílvio (org). *As diferentes faces do racismo e suas implicações na escola*. 1ª ed. Campinas: Leitura Crítica. 2014.

MALAFAIA, Evelyn. A importância da representatividade negra na construção de identificação em crianças negras a partir de literatura infanto-juvenil negra. Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros. Uberlândia. p.1-15. 2018. Disponível em: [https://www.copene2018.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/1531151049\\_ARQUIVO\\_COPENE2.pdf](https://www.copene2018.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/1531151049_ARQUIVO_COPENE2.pdf). Acesso em 17. abr. 2024

EVARISTO, Conceição. Depoimento no I Colóquio de Escritoras Mineira – 2009. UFMG - Letras. Conceição Evaristo. Literafro, 23 ago. 2024. Disponível em: <http://www.letas.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. EVARISTO, Conceição. Em entrevista ao Brasil de Fato, Conceição Evaristo fala sobre arte, política e sua "escrivência". Entrevista concedida a José Eduardo Bernardes. Rádio Brasil de Fato, 09 ago. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/08/09/elite-intelectual-e-burra-e-nao-percebe-a-riqueza-da-pluralidade-diz-conceicao-evaristo>

CANOFRE, F. Conceição Evaristo: ‘Falar sobre preconceito no Brasil é derrubar o mito de democracia racial’. Sul 21, [S. l.], maio 2018. Seção Areazero. Disponível em: <https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2018/05/conceicao-evaristo-falar-sobre-preconceito-racial-no-brasil-e-derrubar-o-mito-de-democracia-racial/>.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno Manual Antirracista*. 1ª ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 24-30.

RIBEIRO, Djamila; *Racismo no Brasil: todo mundo sabe que existe, mas ninguém acha que é racista, diz Djamila Ribeiro*. Entrevista concedida a Laís Alegretti. BBC News, Londres, 05 jun. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52922015>.

CARNEIRO, Sueli. *Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero*. Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígena, p.1-5, 14 ago. 2020. Disponível em: <https://www.patriciamagno.com.br/wp-content/uploads/2021/04/CARNEIRO-2013-Enegrecer-o-feminismo.pdf>